

ESTES SERVOS DE YAHWEH... OS ANIMAIS **ANOTAÇÃO SOBRE O CUIDADO A PARTIR DO DEUTERONÔMIO**

Lília Dias Marianno

Resumo

De acordo com a narrativa bíblica, os animais foram criados por Deus antes dos seres humanos. De acordo com a perspectiva evolucionista o caminho foi o mesmo, primeiro os animais, depois os seres humanos. Nos dias atuais os ecologistas nos chamam a atenção para o cuidado com o meio-ambiente e têm denunciado o maltrato de animais de forma efusiva. Inúmeras fundações são criadas para promover o cuidado e adoção de animais abandonados. Cabe, porém, uma reflexão bíblico-teológica sobre o trato dos animais. Muitas vezes eles aparecem no texto bíblico como professores de Yahweh para corrigir o ser humano de seus exageros no desprezo aos seus semelhantes. Animais também são servos de Yahweh, Francisco de Assis parece ter captado muito bem essa perspectiva. Um olhar sobre a lei do Deuteronômio abre um espaço para a revisão da nossa ética do cuidado, os animais e o cuidado com os animais nos trazem preciosos ensinamentos sobre o cuidado também com o ser humano.

Palavras-chaves: *Animais, cuidado, relações, dignidade.*

Abstract

According with the biblical narrative, the animals were created by God before the human being. According with the evolutionistic perspective the path was the same, first, the animals, after, the human being. On the actual days the ecologists call us to pay attention to the ambient care and have denouncing the evilness about the animal care. Several foundations have being organized to promote care and adoption of abandoned animals. Meanwhile we need a biblical-theological reflection about the animal care. Many times they appear on the biblical text as teachers of Yahweh to correct the human being of their overreaction and despise of other human beings. Animals are servants of Yahweh, Francis of Azizi captivated very well this perspective. A look about Deuteronomy's law open a precious space to revision our ethics of care, the animal and the care with them brings us precious thoughts also about care with human being.

Key-words: *Animals, care, relation, dignity.*

Vinte e seis “cachorros loucos” correm pelas ruas de Tel Aviv e se prostram abaixo do apartamento de Boaz, antigo combatente no Líbano. O prédio do ex-soldado está localizado na Avenida Rotshild, centro da boemia e da burguesia liberal da cidade mais progressista e cosmopolita de Israel. Desconsiderando tal fato, os cães passam por bares e quiosques onde pessoas bebem, conversam e se encontram. Elas são atropeladas pelos cachorros descontrolados que, além de afetarem a agradável rotina da metrópole, incomodam o sono de Boaz, já que ladram sob a janela de onde ele dorme. [...] o “ataque dos cachorros loucos” (*clavim hameshugaim*) é na realidade um sonho recorrente que Boaz tem desde que voltou da Guerra do Líbano, em 1982. [...] Boaz, apesar de ser um combatente treinado e estar na guerra, não conseguia atirar em seres humanos. Por isso, recebeu do seu comandante uma tarefa específica: silenciar os cachorros antes da entrada das tropas. Foram ao todo 26 cães mortos dos quais ele “se lembra com clareza de todos, de todas as cicatrizes e de todos os ruídos que fizeram ao morrer”¹.

Esta é uma das cenas do filme *Valsa com Bashir*. O filme trata da memória e de como é traumático, para quem participou como protagonista de um massacre, ter que conviver com a memória dos massacrados pelo resto de seus dias. Chamou-me a atenção, além do interessantíssimo roteiro, a forma como os animais são usados no massacre e no resgate da memória. Este texto me chegou às mãos quando este artigo já estava avançado, mas ele reforçou minha intuição do quanto os animais são instrumentos de Deus para muitíssimas finalidades. Animais sintonizados com Deus funcionam como “boca de Yahweh” em algumas circunstâncias e que, por estarem narradas em linguagem mítica, adquirem um peso ainda mais significativo.

Animais-profetas no Antigo Testamento

No texto bíblico encontramos algumas narrativas muito interessantes envolvendo animais e profetas. Temos as ursas enviadas por Yahweh e que despedaçaram os meninos que caçoavam de Eliseu. Os animais aqui parecem ensinar aos jovens a tratarem com respeito as pessoas mais velhas e, para a alegria de muitos homens que padecem de queda de cabelo (indicativo de ter passado de determinada faixa etária), principalmente os calvos:

Enquanto ia subindo a estrada, um bando de meninos saiu da cidade e começou a fazer troça dele, gritando “Sobe, seu careca! Sobe, seu careca!” Eliseu virou-se, olhou para eles e amaldiçoou-os em nome do Senhor. Então saíram duas ursas do mato e despedaçaram quarenta e dois desses meninos (2Rs 2,23-24)².

1. GHERMAN, Michel. “Valsa com Bashir” e o massacre de Sabra e Chatila: entre a amnésia política e a responsabilidade da memória. Buenos Aires, Prometeica: *Revista de Filosofia y Ciencia*. Ano 3, n. 7, p. 60-71, 2013, citação extraída das p. 66-67. Acessado em: 22 de fevereiro de 2013. Disponível em <http://www.prometeica.com.ar/pmt7/pmt7-gherman.pdf>

2. Seguimos a versão da *Bíblia Sagrada*. Petrópolis: Vozes, 2005.

A perspectiva africana lança uma informação relevante sobre este assunto: A narrativa não dá detalhes sobre qual motivo teria levado um grupo numeroso de jovens a insultar o profeta. É provável que tenha tido algum motivo específico para tal atitude coletiva, pois isto era desrespeitoso por demais numa cultura que prezava respeito aos mais velhos. “Eliseu virou para trás, olhou para os jovens e os amaldiçoou. Em geral, as maldições só surtem efeito quando merecidas”³.

Temos o peixe que engole Jonas e leva o profeta para “três dias inteiros” no ventre do peixe. Aquelas horas de pura reflexão no meio das algas e do suco gástrico levam o profeta ao reconhecimento de sua arrogância e, por fim, do seu papel como profeta. Os biblistas africanos acreditam que não se trate de três dias inteiros, mas provavelmente vinte e quatro horas, pois os judeus consideravam parte de um dia como um dia inteiro. A discussão acadêmica sobre a possibilidade científica de o peixe ter engolido e Jonas ter sobrevivido é pouco relevante para eles. Na perspectiva da tradição oral africana não há qualquer problema em Deus usar um animal para realizar seus propósitos. Interessa muito mais aos ouvintes da tradição oral a resposta do profeta a tal experiência⁴.

O Senhor mandou que um peixe grande engolissem Jonas. Jonas permaneceu no ventre do peixe três dias e três noites... Então o Senhor ordenou ao peixe, e este vomitou Jonas sobre a terra firme (Jn 2,1.11).

Por último, mas não por fim, temos a mula de Balaão, cuja narrativa é tão hilariante e provocante que merece ser mencionada na íntegra. Neste caso, a mula nos ensina que não adianta profetas se colocarem a caminho para tentar usar seus dons e a oportunidade para dirigirem, pelo “poder da palavra”, maldições para quem Deus deseja abençoar. O profeta que quiser usar tais recursos para modificar o que Deus estabeleceu deve ser morto. Balaão não foi “salvo pelo gongo”, foi salvo pela mula:

Balaão levantou-se na manhã seguinte, encilhou a mula e acompanhou os chefes moabitas. Mas Deus inflamou-se de ira pelo fato de ele ter partido. E o anjo do Senhor postou-se no caminho para lhe barrar a passagem. Balaão ia montado na mula [...] Vendo o anjo do Senhor parado no caminho com a espada desembainhada na mão, a mula desviou-se do caminho e começou a andar pelo campo. Balaão se pôs a espancar a mula para reconduzi-la ao caminho. Então o anjo colocou-se numa trilha entre as vinhas, ladeada de ambos os lados por um muro. Ao ver o anjo do Senhor, a mula encostou-se contra uma das paredes. Como ela apertasse a perna de Balaão contra a parede, ele começou a surrá-la de novo. O anjo do Senhor tornou a passar

3. GOTOM, Musa. 2 Reis. Em: Tokunboh ADEYEMO (ed.) *Comentário bíblico africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 447.

4. AHOGA, Cossi Augustin. Jonas. Em: Tokunboh ADEYEMO (ed.) *Comentário bíblico africano*, p. 1074.

na frente e postou-se num lugar bem estreito, que não dava passagem nem pela direita nem pela esquerda. Ao ver o anjo do Senhor a mula empacou. Balaão, enfurecido, bateu na mula com uma vara. Então o Senhor abriu a boca da mula e ela disse a Balaão: “Que te fiz eu para me espancares já pela terceira vez?” Balaão respondeu para a mula: “Porque me estás provocando! Se tivesse uma faca na mão agora mesmo te mataria”. E a mula respondeu a Balaão: “Não sou eu a tua mula que até hoje sempre montaste? Será que costume agir assim contigo?” E ele respondeu: “Não”. Então o Senhor abriu os olhos de Balaão, e ele viu o anjo do Senhor parado no caminho com a espada desembainhada na mão. ... O anjo do Senhor lhe disse: “Por que já por três vezes espancaste a mula? [...] A mula me viu e já por três vezes se desviou de mim. Se ela não se tivesse esquivado de mim certamente eu te haveria matado e ela ficaria viva” (Nm 22,22-33).

Que o homem espanque e grite com o animal porque é cruel e desconsidera o animal enquanto criatura de Deus, isto estamos acostumados a ver e é completamente errado. Mas a cena de um homem discutir com uma mula e a coerência da mula ser maior do que a do homem é uma cena impagável. Mostra o ponto ao qual chega a insanidade de um profeta obcecado com a riqueza e com o poder, lembrando muito alguns personagens da atualidade que andam pela mídia vociferando imprecações em nome de Deus para conseguir audiência e popularidade e que bem precisavam de uma mula como esta.

Os africanos interpretam da seguinte forma: o rei de Moab percebeu que teria que usar os recursos mágicos de um profeta muito poderoso para intervir na chegada dos israelitas, um recurso para além da força militar. Balaão recebe duas proibições e uma concessão, depois de tentar negociar com Deus. O Deus que conhece o coração sabe que Balaão subiu na mula, não para fazer o que Deus ordenou, mas para usar a oportunidade e fazer o que Balac queria. “Sua jumenta tem mais consciência da presença de Deus do que ele”⁵. Quando o anjo se pronuncia, ele afirma ter intenções de preservar a mula e matar o profeta.

A nobreza e a grandeza das atitudes da mula de Balaão frente à ira de Yahweh contra o profeta, bem como o peixe e as ursas, emissários da disciplina de Deus também envolvendo profetas, nos mostra que os animais, em várias situações no texto bíblico, assumem funções proféticas nos desígnios de Yahweh. A mula foi profetisa contra Balaão. As ursas foram profecia-juízo sobre os meninos. O peixe foi condutor do profeta, assim como o jumento que levará nos ombros o Rei de Sião também foi profecia em cumprimento. Deus não se restringe a usar seres humanos em suas ações proféticas.

5. BONIFACE-MALLE, Anastasia. Números. Em: Tokunboh ADEYEMO (ed.). *Comentário bíblico africano*, p. 196-197.

Por esta razão queremos debruçar-nos um pouco sobre o livro do Deuteronômio para entender preceitos específicos sobre o cuidado com animais. Poderíamos enveredar por toda a Torá, mas ficaria uma abordagem por demais extensa. Vamos nos deter no Deuteronômio, como amostragem e provocação de novas suspeitas hermenêuticas para aqueles que quiserem aprofundamento posterior.

Animais como metáforas

“Ler o texto bíblico é caminhar entre animais [...] os mitos dos animais na Arca de Noé ou da serpente falante do jardim do Éden... são fundadores de comportamentos individuais e sociais até os dias de hoje”⁶. As metáforas animais são amplamente utilizadas na Bíblia para “ilustrar ensinamentos éticos, morais, ecológicos e religiosos”⁷.

Diversas vezes o Deuteronômio apresenta movimentos de animais como metáforas de movimentos divinos ou de emissários divinos. Por exemplo, em Dt 1,44 fala-se dos amorreus perseguindo Israel como enxames de abelhas (Dt 1,44). Outra metáfora encontra-se na forma como o Senhor ensinou Israel a caminhar no deserto “como águia que desperta a ninhada, voando sobre os filhotes, também ele estendeu suas asas e os apanhou e sobre suas penas o carregou” (32,11).

Proibidas são as metáforas divinizantes, isto é, de forma alguma as imagens de animais podem ser usadas como divindades ou objeto de culto. A confecção de imagens de animais para este fim é considerada abominação e é proibida (4,16-18; 9,16).

Animais benditos

Em diversos trechos no Dt os animais saudáveis e férteis são compreendidos como sinal da bênção de Yahweh sobre seus donos. O gado e a cria do gado são abençoados pela simples obediência do dono dos animais cujo coração é temente a Deus (7,13.14). Por isso mesmo, os israelitas deveriam ser vigilantes quanto à bênção sobre os animais, pois era confortável contar com isso e depois esquecer que estava em Deus a origem de toda a bênção (8,11-13; 11,15; 28,3.11; 30,9). A bênção de Deus passa pelo fruto dos animais (30,9).

Animais malditos?

O Deuteronômio não menciona animais malditos, pois a criação de Deus é boa em sua origem, mesmo os animais peçonhentos e considerados perigosos ao

6. MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Animais interiores: nadadores e rastejantes*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 1-2.

7. Idem.

ser humano não são malditos. Na tradição judaica os pais cuidavam para que cada criança alimentasse os animais domésticos em cumprimento a uma determinação do Deuteronômio, de dar primeiro a erva aos animais nos pastos e só então deveria comer e se fartar (Dt 11,15). Os rabinos inclusive incentivavam que a família tivesse um animal doméstico para que tal preceito fosse colocado em prática.

Todavia, assim como os anjos, os animais estão a serviço de Yahweh e são emissários divinos de castigo e atribuição de sentença de maldição quando o comportamento do israelita, do povo ou de seu governante não é obediente à Lei de Yahweh. E esse não é um modelo aplicado apenas a Israel. No texto bíblico Yahweh se utiliza deste recurso quando quer entregar um povo à sua própria destruição.

O Deuteronômio mostra que Yahweh iria adiante de Israel antes da chegada em Canaã expulsando os povos da terra com vespões (7,20) e que o gafanhoto devoraria o fruto da semente plantada na terra (28,38.42), porém não faria isso de uma vez só para que o povo de Israel não ficasse entregue à destruição pelas feras do campo, pois num território desabitado a procriação dos animais selvagens seria mais rápida do que a ocupação humana (7,22). Da mesma forma, Yahweh protegeu Israel durante a caminhada no deserto dos escorpiões e das serpentes abrasadoras do deserto (8,15). Para bênção ou punição, ali estão os animais como servos de Yahweh.

Quando um homem tinha seu jumento roubado e não restituído ou o seu boi também roubado e outra pessoa comesse de sua carne, isso era considerado como castigo divino (28,31). Um homem desobediente à Lei de Yahweh trazia maldição também aos seus animais com tal desobediência (28,18), como aconteceu com os cavalos de faraó (11,4). O desobediente, quando morresse, teria seu cadáver exposto como comida aos animais (28,26).

Sacrificar e comer animais?

Os estratos arqueológicos de Canaã evidenciam muitos ossos de animais nos lugares de cultos em cidades habitadas por filisteus, antes mesmo da chegada dos israelitas⁸. Isso demonstra que a prática do sacrifício de animais em Canaã era abundante.

Há quem pense que os textos da Torá que falam de sacrifício de animais incentivavam tal prática, todavia, é mais provável que a Torá tenha estabelecido normas e principalmente limites para o abate e consumo dos animais em sacrifícios cúlticos que já eram praticados em Canaã.

8. MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da Bíblia* (10.000-586 a.C.). São Paulo: Paulinas, 2003, p. 314.

Apenas as primícias/primogênitos dos animais seriam consagradas ao Senhor. Todo o resto era para uso da comunidade (leite, lã e carne). Os defeituosos não poderiam servir de oferenda, mas poderiam servir de alimento nas refeições da comunidade (17,1; 15,21-22;). Este também era um mecanismo de interrupção da linhagem de uma cria defeituosa, pois se aquele animal crescesse e viesse a procriar daria origem a outros animais defeituosos.

O processo de imolação era rápido e não doloroso. O animal não deveria ser tratado com crueldade nem qualquer tipo de sofrimento desnecessário era permitido (21,3). Aos sacerdotes não caberia comer toda a carne. A gordura se oferecia a Yahweh, a espádua, a queixada, o bucho e as primícias da tosquia pertenciam aos sacerdotes (18,3-4). O restante da carne daquele animal deveria ser comido pelo ofertante, pela família do ofertante e quem estivesse com ele. Serviria de alimento, não podia sobrar. O sacrifício em Israel não tinha qualquer objetivo de carnificina. Um animal morto para sacrifício ritual não poderia ser desperdiçado, nada dele deveria sobrar para outro dia (16,4), fora assim na Páscoa e seguia-se o preceito para outros sacrifícios. Os animais não eram mortos para culto sem um motivo de celebração que envolvesse vários membros da comunidade, que poderiam comer aquela carne sem deixar sobras.

A exorbitância de sacrifícios de animais praticada por Salomão na inauguração do Templo (cf. 1Rs 8,62-66), só se explica pelo fato de que “todo o Israel” foi convocado para a inauguração e para o grande banquete de celebração. Estes animais foram alimento para todo o povo que veio a Jerusalém naquele período e consumiu o total de vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas. Os animais foram mortos pela função alimentar, porque como oferta bastava a gordura de um animal. Como a gordura era dedicada, o altar de bronze não foi suficiente (1Rs 8,64). Embora o estilo salomônico fosse absurdamente abastado, apenas o banquete público explicava uma matança de animais de tal magnitude, uma vez que a lei não promovia matança. Permitia o uso com limites.

Animais puros e impuros

Pensando ainda na questão alimentar, Dt 14 traz uma longa lista de animais que poderiam ou não poderiam ser usados na alimentação humana (14,3-21). Boi, ovelha, cabra, veado, gazela, corça, cabra-montês, antílope, búfalo, gamo, quadrúpedes com casco fendido em duas unhas e ruminantes eram permitidos à alimentação. Ruminantes (sem casco fendido) não poderiam servir como alimento: camelo, lebre e coelho. Outros com casco fendido, porém não ruminantes, também não poderiam ser usados na alimentação, como era o caso do porco. Dos animais aquáticos tudo com barbatanas e escamas poderia ser comido, os demais eram proibidos. Das aves, apenas as puras poderiam ser consumidas, as aves de rapina e outras não eram permitidas à alimentação: águia, falcão, águia-marinha, milhafre, gavião, corvo, avestruz, coruja, gaiivota, mocho, corujão, cisne, pelicano, abutre, corvo-marinho, cegonha, garça, poupa. Morcegos e insetos também eram proibidos.

Animais nossos de cada dia

Na lei do Deuteronômio verificamos restrições ao consumo desnecessário de animais e cuidados recomendados quando eles são imolados para alimentação das pessoas. Animais eram sacrificados como oferta expiatória. Nos casos de ofertas pacíficas o preceito era o de ofertar cereais e outros alimentos, e não animais. Mas além destas orientações, há orientações ligadas ao trato cotidiano dos animais. Tais preceitos refletem a importância do cuidado humano com os animais como ponto relevante e constante da Lei.

Por exemplo, em tempos de guerra, Israel não poderia abater uma cidade queimando o arvoredo do seu bosque. Isso porque não se poderia sacrificar o habitat natural dos animais silvestres e das aves que habitavam estas árvores por conta das ganâncias das conquistas militares. Brigas de homens: não envolvam os animais nesse negócio, trata-se de um princípio de misericórdia para com os não combatentes (20,14 e 19)⁹.

Quando um israelita encontrasse um animal perdido, deveria assumir o cuidado do animal até que pudesse devolvê-lo ao seu dono, fosse um boi ou um jumento (22,1-4). Se o animal tivesse se perdido por ter sido ferido, seria tratado e seu dono buscado¹⁰. Ninguém poderia simplesmente se apossar do animal porque o encontrara perdido por ali. Ao mesmo tempo em que este princípio diz respeito ao não furtar algo que é do outro, uma propriedade ou um bem de trabalho como era o caso do animal, parece ter conexão com outro aspecto pouco percebido, para isso precisaremos voltar à mula do profeta.

A fala da mula de Balaão nos chama a atenção para sentimentos dos animais. Há uma coerência no relacionamento entre a mula e o profeta que, além de hilário, sinaliza para vínculos entre os animais e seus donos, embora o profeta mesmo não estivesse interessado neste vínculo de lealdade: “Não sou eu a tua mula que até hoje sempre montaste? Será que costume agir assim contigo?”. A fala atribuída à mula conota relação e hábitos de fidelidade do animal para com seu dono. Animais desenvolvem formas de se comportarem habitualmente diante de seus proprietários.

Qualquer pessoa que já teve um cavalo, um jumento ou um animal doméstico sabe que os animais criam vínculos com seus donos e deles sentem falta. Laço afetivo é construído na relação de um homem com seu animal: “o justo conhece a necessidade do seu gado” (Pr 12,10). Este princípio da restituição do animal ao seu dono parece ter também conexão com a preservação do sentimento de desamparo dos animais desgarrados. Um israelita só poderia se apossar do animal caso a perda do dono fosse definitiva, caso contrário seu dono tinha que ser buscado e

9. CHIANEQUE, Luciano C.; NGEWA, Samuel. Deuteronômio. Em: *Comentário bíblico africano*, p. 238.

10. Idem, p. 240.

o animal teria que ser devolvido. A lei do Deuteronômio está atenta às emoções dos animais.

Outra orientação de carinho e cuidado com a fragilidade do animal diz respeito aos ninhos com ovos e filhotes. Quando um ovo caísse do ninho, ou quando alguém apanhasse os filhotes de pássaros do ninho, poderia levar ovos e filhotes, mas não a mãe (22,6-7). Poderia pegar os ovos e os filhotes para o alimento, mas o pássaro-mãe do ninho teria que ser libertado. “Deve haver procedimentos no sentido de manter o ciclo natural de reprodução e, sobretudo, evitar a extinção das espécies”¹¹.

Quanto ao uso de animais no trabalho há dois preceitos muito específicos considerando a necessidade do animal evitando que haja crueldade neste processo¹². O primeiro deles diz respeito a não emparelhar animais de diferentes espécies num mesmo trabalho no campo, por exemplo, colocar o boi e o jumento num mesmo jugo (22,10). Isso tem a ver com um animal ser sobrecarregado com a disparidade de tamanho e porte físico do outro. Se um boi fosse colocado numa junta com um jumento, o peso da junta ficaria distribuído de forma desigual, sacrificando mais o animal mais fraco ou menor, isto é, o jumento, pois a junta penderia com mais peso sobre ele. Por outro lado, os quadrúpedes possuem uma coluna forte, que muitas vezes é confundida com uma coluna que tudo aguenta. É comum verificarmos cachorros deitados com as patas para cima, relaxando a coluna. Eles sentem sobrecarga nos ossos.

Este tipo de exposição continuada do corpo do animal a um trabalho desequilibrado em relação à sua capacidade de esforço também poderia causar deformação óssea em um ou nos dois animais envolvidos.

O segundo princípio diz respeito à alimentação. Como trabalhador, o animal deve ser tratado como um aliado do homem. Assim como o homem tem direito de comer do fruto daquilo que plantou, o boi não poderia ter violado seu direito de comer daquilo que ele também ajudou a produzir. Não atar a boca do boi que trilha (25,4) diz respeito ao “salário” do boi pelo seu trabalho. Jamais se deveria amarrar sua boca impedindo-o de comer do fruto do seu trabalho.

Parceiros sexuais? Não os animais

A zoofilia ou a bestialidade sempre foi praticada na história da humanidade. Em nível científico, a prática é associada a transtornos neuróticos que podem ter origem num bloqueio afetivo em relação a um parceiro humano, embora não deva

11. REIMER, Haroldo. Sobre pássaros e ninhos. Olhar ecológico em leis do Deuteronômio. Em: *Toda a Criação: Bíblia e ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 84.

12. CHIANEQUE, Luciano C.; NGEWA, Samuel. Deuteronômio. Em: *Comentário bíblico africano*, p. 240.

ser resumida à categoria de transtorno e nem a este motivo especificamente. A psicologia tem revisto diversos transtornos desta natureza, entretanto, a zoofilia ainda é vista como uma forma de abuso do animal, pois este não teria naturalmente escolhido tal nível de contato físico. O Deuteronômio é bastante assertivo quanto ao ser humano que se deita com animais (27,21). Este é maldito. Sendo comum ou não, está claro que de acordo com o Deuteronômio esta é uma prática abominável.

Sabemos que a sensação de prazer sexual é uma característica humana não vinculada com a reprodução. Animais possuem instinto de cópula, ligados, em geral, aos períodos de cio e reprodução. Um ser humano que usa um animal numa relação sexual não está visando à necessidade orgânica de cópula do animal, mas quer usar o animal para saciar seu fetiche e obter prazer físico. Usar um animal para um prazer físico meramente humano é algo condenado no Deuteronômio.

Animais: os profetas de Yahweh

Começamos esta reflexão com o cenário de um sonho recorrente de um soldado israelense que fora obrigado a participar do massacre de duas cidades de refugiados libaneses (Sabra e Chatila), assassinando os vinte e seis cães que encontrou no caminho para silenciar a entrada das tropas. Tal assassinato reverberou em seu subconsciente por muitos anos, fazendo-o sonhar diversas vezes com o clamor daqueles cães. No filme, a atitude dos cães teve um papel, o de levar o soldado israelense a lidar com sua memória de integrante de um exército que massacrava civis inocentes. A presença dos cães no sonho do soldado era uma acusação sobre a crueldade humana. Eles estavam ali não apenas para lembrá-lo do massacre dos cães em si mesmos, mas principalmente dos refugiados que habitavam aquelas cidades de refugiados. Os vinte e seis cães do sonho do soldado israelense eram profetas, com oráculos de juízo sobre os assassinos dos cães e das pessoas.

Uma conhecida reportou o caso de uma cadelinha doente que demandou muita atenção e cuidado durante a doença. Ela disse que aprendeu, com aquela cadela, sobre o tipo de cuidado que o Bom Pastor, Jesus, tem com suas ovelhas, do quanto a ovelha, ser humano, exige de Cristo, o bom pastor, dedicação intensiva. Ela entendeu mesmo que falta em nós, humanos, o interesse de pastorear o outro ser humano que necessita da nossa dedicação. Cuidar de pessoas é como cuidar de ovelhinhas doentes. Precisa-se carregar no colo, ungir as feridas, atar, curar, cicatrizar. A cadelinha de minha conhecida ensinou, através da enfermidade, o quanto devemos cuidar melhor de pessoas em condição de fragilidade.

Eu mesma fui motivada a escrever sobre este assunto pela forma como Rock, meu weimaraner de doze anos de idade, já velho e cego, sofreu de insuficiência renal e falência de órgãos por dez dias antes de morrer. Era um cão-ancião. Da mesma forma como um ancião no fim da vida, num estágio terminal, demanda atenção e cuidado intensivo, meu cachorro também demandou.

Ele já não conseguia mais se levantar para evacuar ou urinar, todavia a cada vez que eu me aproximava dele, chorosa com sua condição, ele abanava o rabicho de satisfação e alegria por me perceber, por me sentir, já que há muito não conseguia mais me ver. Por muitos meses este cão foi a expressão mais efusiva de carinho que recebi.

Esse cachorro me ensinou demais sobre a capacidade de abstrair sua própria dor para mostrar ao seu dono a felicidade de estar com ele, a tal relação de fidelidade, que Balaão ignorou. Ensinou-me tanto sobre resiliência, e sua partida me deixou um débito de gratidão tão grande com esse cão, que depois de sua morte mergulhei profundamente na revisão de meus princípios teológicos sobre cuidado com animais.

Seres humanos e animais não foram criados para relações de inimizade. Tanto que a imagem mais perfeita da paz do reinado do Messias é descrita por Isaías da seguinte forma:

O lobo será hóspede do cordeiro e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o animal cevado estarão juntos e um menino pequeno os conduzirá. A vaca e o urso pastarão lado a lado, juntas se deitarão as suas crias; e o leão comerá capim como o boi. A criança de peito brincará junto à toca da víbora, a criança desmamada porá a mão na cova da serpente. Não se fará mal nem destruição em todo o meu santo monte, porque a terra estará cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar (Is 11,6-9).

Não à toa, Jesus de Nazaré “escolheu nascer” num estábulo, cercado de animais, com cheiro de animais, da comida dos animais e dos seus excrementos e gastou muitas palavras de seus ensinamentos usando animais como professores. Sim, os animais têm muito a nos exortar!

“Um amplo movimento de sociedade postula uma nova ética animal e defende o direito à vida dos animais, independentemente de seu interesse de uso pelos humanos”¹³.

Lília Dias Marianno
Rua Dr. Aníbal Moreira, n. 104, ap. 102
20510-110 Rio de Janeiro, RJ
Lilia.marianno@gmail.com.

13. MIRANDA, *Animais interiores: nadadores e rastejantes*, p. 4.

Bibliografia

ADEYEMO, Tokunboh (ed.). *Comentário bíblico africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

GHERMAN, Michel. “Valsa com Bashir” e o massacre de Sabra e Chatila: entre a amnésia política e a responsabilidade da memória. Buenos Aires, 2013, *Prometeica: Revista de Filosofia y Ciencia*. Ano 3, n. 7, p. 60-71, citação extraída das p. 66-67. Acessado em: 22 de fevereiro de 2013. Disponível em <http://www.prometeica.com.ar/pmt7/pmt7-gherman.pdf>

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Animais interiores: nadadores e rastejantes*. São Paulo: Loyola, 2004.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Animais interiores: os voadores*. São Paulo: Loyola, 2003.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da Bíblia (10.000-586 a.C.)*. São Paulo: Paulinas, 2003.

REIMER, Haroldo. Sobre pássaros e ninhos. Olhar ecológico em leis do Deuteronômio. Em: *Toda a Criação: Bíblia e ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006.